

CONHECIMENTO POPULAR E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS: NARRATIVAS DE IDOSOS MORADORES DO BAIRRO DA PRIMAVERA, EM CAMETÁ – PA.

Débora
Sherliane

RESUMO:

O presente estudo objetiva entender a partir do grupo de idosos selecionado, de que forma o uso de plantas medicinais está relacionado com o conhecimento popular e com a história de formação do Bairro Primavera, em Cametá-Pará. A pesquisa encontra-se ancorada nos estudos de: Gama (2006), Loya et al (2009), Monteiro e Bradelli (20017), dentre outros que nos permitem entender que o uso das plantas medicinais. Trata-se de uma prática antiga, repassada às gerações pelos mais velhos e encontra-se fortemente ligada aos saberes de cunho popular. Por sua vez, os dados empíricos foram construídos por meio de uma pesquisa qualitativa alicerçada nos pressupostos teóricos da História Oral, realizada com 06 (seis) moradores do Bairro em questão. A partir das narrativas dos entrevistados contextualiza-se que o Bairro Primavera possui uma história de construção ligada a utilização das plantas medicinais e isto encontra-se vivificado nos saberes dos idosos com quem dialogamos, de igual modo, considera-se que ao relembrar o uso das plantas medicinais na atualidade os idosos interagem com as suas memórias coletivas compartilhadas com os *outrem* com quem mantiveram convívio e relações sociais, e ainda reverberam conhecimentos de cunho popular que perpassarão às gerações futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento Popular, Plantas medicinais, Bairro Primavera.

ABSTRACT:

The present study aims to understand, from the selected group of elderly people, how the use of medicinal plants is correlated with popular knowledge and with the history of formation of Bairro Primavera, in Cametá-Pará. The research is anchored in the studies of: Gama (2006), Loya et al (2009), Monteiro and Bradelli (20017), among others that allow us to understand that the use of medicinal plants is an ancient practice, passed on older generations and is strongly linked to popular knowledge. In turn, the empirical data were built through a qualitative research based on the theoretical assumptions of Oral History, carried out with 06 (six) residents of the Neighborhood in question. From the narratives of the interviewees, it is contextualized that Bairro Primavera has a history of construction linked to the use of medicinal plants and this is based on the knowledge of the elderly with whom we dialogued, in the same way, it is considered that when remembering the use of medicinal plants today, the elderly interact with their collective memories shared with others with whom they coexisted and still reverberate popular knowledge that will permeate future generations.

KEYWORDS: Popular Knowledge, Medicinal plants, Bairro Primavera.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais trata-se de uma prática tão antiga quando as próprias necessidades curativas humanas e representam de igual modo o esforço do homem para

“compreender e utilizar a natureza como réplica a uma das suas mais antigas preocupações, aquela originada pela doença e pelo sofrimento” (MONTEIRO E BRADELLI, 2017). Além disso, a utilização das plantas medicinais trata-se de uma prática impregnada de saberes construídos na coletividade, nas relações sociais e familiares, contendo assim, uma gama de significados, saberes e conhecimento popular repassado de geração em geração, em sua maioria pelos mais velhos que também imergiram nessa prática pelo contato com os seus pais, avós e demais ascendentes (MONTEIRO E BRADELLI, 2017).

Portanto, as relações sociais do qual Monteiro (2017) transcreve, vinculam-se por esta temática pela singularidade de minha história de vida, presente e “viva” por morar em um bairro cujo nome simboliza relações muito forte com a natureza. Cresci nesse universo interpretativo do uso das plantas medicinais como fonte primária de cuidado e manutenção da saúde, e por esse motivo, busco nesse texto a riqueza dos detalhes em mostrar como o bairro em que resido, conhecido como Primavera, possui fortes relações com a utilização das plantas medicinais como fonte curativa. Assim pela oportunidade desenvolver o trabalho de Agente Comunitário de Saúde tenho vivenciado experiências de diálogos com os moradores mais velhos do Bairro onde venho percebendo por meio deste acompanhamento realizado que os idosos recorrem rotineiramente as plantas medicinais enquanto opção paliativa e preventiva para diversos males do corpo humano. E mais que isso, venho percebendo que os mesmos executam as práticas de plantio, cuidado e colheita empregando para tanto, técnicas artesanais, que também encontram-se ligadas ao conhecimento popular.

Nesse sentido, revigorar estes saberes e as memórias a que estão ligados demonstrará de modo significativo as relações e as interrelações de aprendizagem propostas em um campo não-escolar e sinalizará para a compreensão da identidade local, a partir da definição do lócus e dos sujeitos participantes. Por tal, a relevância deste estudo está ligada a possibilidade de produzir amostras de ganho em um viés triangular: no campo acadêmico, pedagógico e social, sinalizando para a produção de um conhecimento científico alicerçado no conhecimento popular.

Para tanto, a pesquisa realizou por meio de acordos teóricos metodológicos dedicados a perceber as representações dos envolvidos na pesquisa, interpretando os interditos e dos sentidos compartilhados no ato da pesquisa. Desta feita, a pesquisa centrou-se em uma abordagem qualitativa que dentre outras coisas, envolve justamente a percepção e a compreensão de sentidos contidos nas narrativas e nos atos que acontecem em um determinado espaço-tempo. Justamente por isto, optou-se realizar a pesquisa por meio dos pressupostos teóricos da História Oral que de acordo com Portelli (1997), tem como princípio criador a

escuta, não só daquilo que o pesquisador julga enquanto necessário, mas de tudo o que o interlocutor considera importante dizer, onde o processo de descobertas dá-se sempre em função dos achados nas entrelinhas do discurso (Ibidem).

Somado a isto, a pesquisa também privilegiou um processo de estudo bibliográfico no sentido de sistematizar os dados construídos ao longo da pesquisa. Desta forma, a fim de nortear a concretização desta pesquisa, o objetivo geral dedica-se a: Entender a partir do grupo de idosos selecionado, de que forma o uso de plantas medicinais está relacionado com o conhecimento popular e com a própria história de formação do Bairro Primavera, em Cametá-Pará. Enquanto que os objetivos específicos dedicam-se a: a) analisar junto aos idosos como ocorreu a constituição de uma cultura de uso das plantas medicinais no bairro primavera; b) investigar de que forma o uso de plantas medicinais é justificado na atualidade pelos moradores.

Diante do exposto, a presente proposta de pesquisa visa responder a seguinte problemática: De que forma o uso plantas medicinais está correlacionado com o conhecimento popular e com a própria história de formação do Bairro Primavera, em Cametá-Pará?

1. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Os percursos teórico-metodológicos que serão apresentados neste tópico, foram trilhados a partir da definição do objeto de estudo, do problema e dos objetivos da pesquisa. Porquanto, o primeiro passo foi justamente perceber que por se tratar de uma pesquisa destinada a analisar o uso das plantas medicinais pelos moradores do Bairro da Primavera, em Cametá, no Pará, caminharíamos pelas interrelações estabelecidas entre a ciência e o conhecimento popular através das narrativas de nossos entrevistados, e que isto claramente exigiria um movimento de interpretação dos interditos e dos sentidos compartilhados no ato da pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa centrou-se em uma abordagem qualitativa que dentre outras coisas, envolve justamente a percepção e a compreensão de sentidos contidos nas narrativas e nos atos que acontecem em um determinado espaço-tempo.

Godoy (1995) salienta que este tipo de pesquisa centra-se em um fenômeno a partir do contexto em que ocorre, justamente por tal, permite que o pesquisador se dirija ao campo de pesquisa buscando captar o fenômeno estudado a partir da perspectiva, dos pontos de vista e das concepções das pessoas nele envolvidas, considerado tudo o que for apresentado enquanto elemento relevante para a construção dos resultados (GODOY, 1995).

A possibilidade de contato e do estabelecimento de proximidades entre o entrevistado e o objeto de estudo por parte da pesquisa qualitativa também é narrada por Chizzotti (2009, p.

79) para quem esta abordagem fundamenta-se no fato de que há uma visível dinâmica de interdependência entre os sujeitos e a cultura em que estão imersos, entre os sujeitos e o objeto analisado e ainda entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, de modo que não a interpretação da realidade é também a interpretação dos sujeitos e vice-versa. Justamente por tal, nas pesquisas de abordagem qualitativa a elaboração dos conhecimentos busca intervir nos problemas identificados orientando as ações individuais (Ibidem).

Após a definição acerca da abordagem que melhor poderia ser empregada no sentido de responder os objetivos e problemática já estabelecidos posteriormente nos encaminhou para a decisão sobre qual método e instrumentos subsidiariam a produção e a sistematização dos dados e, por fim, a escrita do trabalho. Para isto, foi levado em consideração que “não existe um método que possa ser recomendado como o melhor ou o mais efetivo, mas é (...) a natureza dos problemas é que determina o método, isto é, a escolha do método se faz em função do tipo de problema estudado” (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.15). Justamente por isto, optou-se realizar a pesquisa de campo alicerçada nos pressupostos teóricos da História Oral.

A pesquisa de campo foi empregada como etapa principal para a coleta e análises, concebida enquanto o momento em que a “coleta de dados e informações ou as observações são realizadas no ambiente em que o objeto está situado no local de manifestação do fenômeno pesquisado, in natura” (FARIAS FILHO E ARRUDA FILHO, 2013, p. 67). Por sua vez, a História Oral foi empregada em especial por ter a como princípio criador a escuta, não só daquilo que o pesquisador julga enquanto necessário, mas de tudo o que o interlocutor considera importante dizer, onde o processo de descobertas dá-se sempre em função dos achados nas entrelinhas do discurso (PORTELLI, 1997).

No mais, a opção pelo método da história oral, proporciona “[...] o encontro entre o indivíduo e o social, entre o presente e o passado, quando a vida individual e coletiva é analisada conjuntamente para construção do presente.” (REIS, 2012, p. 66). Além disso, Meihy e Holanda (2011, p. 131) acrescentam que “[...] o principal fundamento da história oral se constitui em uma dimensão social que abarca a memória coletiva e a identidade social.” Nesse sentido, a história oral apresentou-se também enquanto uma possibilidade de fazer pesquisa, ressignificando as vozes e as memórias dos moradores idosos do Bairro da Primavera, sujeitos que para quem as plantas medicinais assumem uma perspectiva curativa de enorme valor histórico-cultural ligada aos processos de criação do local onde moram.

Desse modo, para as análises, consideramos a participação de 06 (seis) interlocutores com idades entre 60 a 79 anos de idade, com os quais dialogamos de forma aproximada, sempre permitindo e instigando-os a narrarem suas histórias e memórias construídas em torno do uso

das plantas medicinais enquanto prática cultural entrelaça na história da constituição do Bairro de Primavera. O perfil dos mesmos, bem como suas idades, tempo de domicílio no Bairro e atual endereço dos mesmos encontram-se na Tabela 01, a seguir:

Tabela 01 – Perfil dos narradores da pesquisa

NOME	IDADE	TEMPO NO ENDEREÇO	ENDEREÇO:
Agostinho Pinheiro da Silva	68 anos	50 anos	Rua das Acácias Nº 3042, Bairro Primavera
Maria de Lourdes Reis da Silva	60 anos	30 anos	Travessa São Francisco Nº 1585, Bairro Primavera.
Lia Batista Pinto	74 anos	39 anos	Travessa São Joaquim Nº 1827, Bairro Primavera
Maria Odila Viana Tavares	60 anos	39 anos	Travessa São Joaquim Nº 1663, Bairro Primavera
Sara Pacheco de Almeida	79 anos	40 anos	Travessa São Joaquim Nº 1701, Bairro Primavera
João Valente Lisboa	74 anos	35 anos	Travessa São Joaquim Nº 2105, Bairro Primavera

Fonte: elaboração das autoras com base na pesquisa de Campo, 2022.

Após o encontro com os narradores da pesquisa, a sistematização e a análise dos dados deram-se a partir da transcrição das falas que deram lugar a categorização temática, por meio do qual foi realizado uma “[...] operação de classificação de elementos, um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2010, p. 145), identificando, a partir das histórias narradas pelos interlocutores, as categorias temáticas que deram origem aos tópicos e subtópicos apresentados neste trabalho.

De modo especial, a produção de dados, as posteriores análises e construção de todo o conhecimento construído e sistematizado ao longo desta pesquisa deram-se a partir de um viés bibliográfico, que modo bem claro tratam-se de uma forma de produção de conhecimento proposto com base em referenciais teóricos já publicados, que possibilitam que o pesquisador parta de um conhecimento já existente para a “operacionalização no campo das hipóteses formuladas” (MINAYO 2010, p. 61).

Desta feita, o texto encontra-se organizado da seguinte forma: após as notas introdutórias onde são apresentados os objetivos, a metodologia e o problema de pesquisa, no Tópico II, intitulado: **Plantas Mediciniais: conceitos e históricos de uso**, propõe uma análise acerca da utilização das plantas medicinais para fins curativos, prática que possui raízes negras-indigenistas e perdura até os dias atuais, sendo ressignificada cotidianamente pela proposição de estudos e pesquisas na área. Por conseguinte, no Tópico III, intitulado “**A formação do Bairro**

da Primavera e a constituição de uma cultura diferenciada do uso de plantas medicinais”, a partir das memórias narradas do Senhor Augustinho Pinheiro da Silva apresentamos o processo de urbanização e pavimentação do Bairro da Primavera, lócus no qual residem os sujeitos de nossa pesquisa. Adiante, no Tópico IV: **Os idosos e o conhecimento popular: a memória do que já foi vivido”** envolveremos na discussão outros 05 (cinco) narradores, que apresentarão seus relatos sobre as formas pelas quais as plantas medicinais são utilizadas em seu dia-a-dia e de que forma isto encontra-se alicerçado nas memórias e nas experiências tecidas no Bairro que viram e ajudaram a erguer-se.

2. PLANTAS MEDICINAIS: CONCEITOS E HISTÓRICO DE USO.

A organização Mundial de Saúde OMS entende por planta medicinal "todo e qualquer vegetal que possui em um ou mais órgão substâncias que podem ser utilizadas com fisioterapêuticos o que sejam precursores de fármacos semi-sintéticos”. Nesse sentido, a diferença entre planta medicinal e elemento fitoterápico reside no fato de que os fitoterápicos provêm de plantas que vivenciam processos de modificações industrializadas, ao passo que as plantas medicinais são consumidas *in natura* ou após sofrerem processos de cozimento doméstico. Por sua vez, Monteiro & Brandelli (2017) definem o conceito de plantas medicinais enquanto toda espécie vegetal cultivada ou não, que por apresentar propriedades curativas pode ser utilizada com propósitos terapêuticos. Para estes autores, este conceito envolve tanto as plantas frescas quanto as plantas secas que antes de seu uso foram submetidas a processos de secagem e estabilização, equivalendo à droga vegetal (MONTEIRO E BRANDELLI, 2017).

Acerca da historicidade de uso das plantas medicinais, Monteiro & Brandelli (2017) contribuem lembrando que as referências históricas das antigas civilizações descreviam a utilização de plantas em sua alimentação e nos processos de reabilitação de pragas, doenças e demais distúrbios impostos à saúde. Neste período os processos de seleção dos vegetais com propriedades curativas davam-se principalmente por meio do conhecimento empírico no qual os homens observavam o comportamento dos animais após consumirem tipos específicos de plantas. Além disso, às plantas eram atribuídos poderes divinos, e também eram inseridas em rituais religiosos, como forma de estabelecer contato entre os homens e os deuses (MONTEIRO E BRANDELLI, 2017).

Mais adiante, por volta de 2800 a.C., o uso de plantas como remédios foi descrita na obra chinesa Pen Ts’ao (“A grande fitoterapia”), de Shen-Nong, reconhecido como o fundador

da medicina chinesa. De acordo com Otoni (2018), o presente documento era composto por cerca de 360 descrições de espécies e suas possibilidades de uso (OTONI, 2018).

No Egito Antigo (MONTEIRO E BRANDELLI, 2017) ressaltam a partir de 2000 a.C., um número considerado de médicos passaram a aderir às plantas como remédio e que isto dava-se por conta de que nesta época as doenças deixaram de serem consideradas consequência dos poderes de espíritos maléficos, passando a serem vistas como resultado de causas naturais. Mais tarde, por volta de 2300 a.C., os relatos históricos demonstram que os egípcios, assírios e hebreus cultivavam diversas ervas e ainda traziam tantas outras de suas expedições., destaque para alguns utilizadas até os dias atuais, como: o alcaçuz o gengibre, a mirra, o manjeriço, o alho, a cúrcuma, o acônito e o aloe vera (MONTEIRO E BRANDELLI, 2017).

Durante a Idade Média desenvolveu-se tanto uma prática do uso popular quanto um saber erudito alquímico sobre as plantas. Chamadas de fisiologia natural, espargia, arte de Hermes, nigromancia, magia ou simplesmente alquimia, esses conhecimentos recolhiam tradições muito antigas sobre o poder das plantas e, muitas vezes, sofria dura perseguição, onde desde (...) a ascensão do cristianismo a religião de estado que o uso das plantas diabólicas e são concedidas como sinônimo de feitiçaria (CARNEIRO, 2005, p. 17; 28).

No Brasil, antes da colonização os povos indígenas que aqui habitavam, repletos de diversidade cultural e étnica, através da relação harmoniosa com a natureza, já utilizavam as plantas medicinais para cuidado com os males do corpo. É essencial não esquecer que as relações dos indígenas com a natureza, era diferente daquela estabelecida pelo europeu, segundo os estudos de Banóski (2002). De semelhante modo, a medicina popular tal como conhecemos hoje é carregada de heranças africanas, isto porque ao chegarem ao solo brasileiro, os povos africanos trouxeram vários conhecimentos, as plantas usadas na medicina popular, também eram usadas na religiosidade (FERREIRA, 2018). Lado a lado, o conhecimento indígena com o conhecimento africano, complementou e potencializou os remédios aqui desenvolvidos. A esse respeito, Ferreira (2018) conclui que:

A herança africana acerca da utilização de ervas medicinais acentua-se principalmente em regiões da Bahia, Minas Gerais e região Metropolitana do Rio de Janeiro, através dos terreiros de religião afro-brasileira. Nestes, os Babalorixás e Yalorixás, portadores de conhecimento etnomédico respeitável, prescrevem o uso das folhas, raízes, sementes e cascas para fins medicinais, banhos, ebós e outros propósitos ritualísticos. (FERREIRA, 2018, p.18-19).

Somada e estas civilizações tantas outras fortaleceram-se mediante o uso das plantas medicinais, a partir de um legado cada vez mais popularizado, o que esse deu primeiramente graças aos processos de transmissão oral às gerações seguintes e posteriormente, a partir do surgimento da escrita, por meio dos registros e arquivamentos. Assim, nos dias atuais, de acordo

com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), em média 80% da população mundial depende exclusivamente da medicina tradicional para atender às suas necessidades de cuidados primários de saúde, fato que se justifica primeiramente como forma de manutenção das tradições familiares e que, além disso, ocorre pelo fato de que com os avanços científicos, o alto custo dos fármacos industrializados, o difícil acesso, além dos eminentes efeitos colaterais, acaba contribuindo para a popularização do uso crescente de produtos de origem natural, contribuindo para a reinvenção do uso de plantas medicinais (GAMA & SILVA, 2006; BRASILEIRO ET AL., 2008).

3. A FORMAÇÃO DO BAIRRO DA PRIMAVERA E A CONSTITUIÇÃO DE UMA CULTURA DIFERENCIADA DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS.

O Bairro da Primavera, surge em Cametá entre meados dos anos 1980 e início dos anos 1990, período uma grande área de terras de propriedade dos imigrantes japoneses Akira Shimomaebara e Teruo Shimomaebaara, foi distribuída em lotes medindo com tamanhos equivalentes a 8 metros por 24 metros e 10 metros por 30 metros, dispostos a venda por um valor irrisório de 300,00 e 500,00 reais respectivamente, com a possibilidade de pagamentos parcelado via carnê. Neste momento, o município de Cametá como um todo vivencia um abrupto e acelerado processo de urbanização, que de acordo com Mochel (1988) desencadeia a criação de bairros como a Cidade Nova e a Nova Cametá e Primavera, além das invasões e apropriações de terras em diversos âmbitos urbanos. De acordo com este autor, grande parte dos moradores dos referidos bairros possuem origem ribeirinhas ou da estrada¹ e em sua maioria o *êxodo rural* decorreu por buscas de melhores qualidades de vida, de empregos e de estudo por partes destes (MOCHEL, 1988). Neste cenário, o Bairro da Primavera passou a ser uma boa opção para grande parte desses sujeitos que deslocavam-se em direção ao centro urbano.

Cabe mencionar ainda que o local em que o Bairro está localizado antes do processo de urbanização já contribuía com a economia e o comércio cametaense sendo sede de um grande pimental, com instalações próprias para coleta, secagem e processamento de pimenta-do-reino. Justamente por isso, a área era constantemente adubada e tratada, por conta desta característica, ao longo dos primeiros anos de implantação das primeiras casas, o local era propício para a plantação de vegetais como: feijão-verde, maxixe, melancia, maracujá, acerola, macaxeira, cacau, dentre outros, que eram consumidos pelos primeiros moradores e comercializados.

¹ Como são denominados os territórios rurais cujo deslocamento se dá por vias terrestres.

Nesse sentido, desde seus primeiros momentos de habitação, o Bairro da Primavera possui a forte presença da arborização e do plantio de espécies de pequenos portes.

Além destes dados, para a contextualização deste tópico, apresentaremos as narrativas do senhor Augustinho Pinheiro da Silva, com quem dialogamos a fim de entender o processo de formação do Bairro da Primavera. Sobre isto, ele respondeu o seguinte:

O bairro era uma área bem grande, só mato e algumas torcerias de tucumã-piranga². O dono da área era meu patrão um japonês chamando Akira, um japonês que trabalhava com pimental, só que naquele tempo nós estávamos cuidando de uma outra área dele lá em São Domingos do Capim, foi quando o prefeito da época aqui de Cameté entrou em contato com meu patrão para que ele viesse que tinham uma proposta pra ele sobre esse terreno dele, foi aí que ele conversou comigo e voltamos para Cameté atrás dessa proposta. A proposta era a seguinte: o prefeito ia ajudar a área virar um bairro e em troca o meu patrão daria uma área para ele fazer escolas e postos de saúde, e assim fecharam o negócio e os trabalhos começaram. Desse momento em diante começamos a trabalhar na terra pois era só mato e sem nenhuma rua. (Augustinho Pinheiro da Silva, 2022).

A partir da fala Senhor Augustinho, é possível perceber as organizações político-administrativas por trás da demarcação da área do pimental e do início do Bairro de Primavera, além disso, este interlocutor ressaltou ainda que o referido processo de urbanização durou cerca de 03 anos, contando com a colaboração de diferentes profissionais que na ausência dos sócios japoneses, trabalhavam sob sua responsabilidade. O Senhor Augustinho resalta ainda que:

Nessa época os pimentais já não existiam mais no local. Não tinha nenhum um morador no bairro que é hoje, era apenas um grande terreno só mato, com um caminho apenas que dava acesso do início até o final dele, na época, foi dado um pedaço para fazer nossa casa enquanto vigiávamos a obra. Assim, eu e minha família e uma vizinha nossa fomos os primeiros moradores do Bairro. Também não tinha nenhuma espécie de planta, as primeiras que plantamos foram: o urucum, o limoeiro, roseiras, acerola, pupunheira, jucá e entre outras plantas, para o nosso próprio consumo. E foi assim que fomos dando forma ao bairro através do mapeamento que fizeram com a ajuda de um avião de pequeno porte e os maquinários, e depois dividindo as ruas que ganharam o nome das primeiras plantas que encontramos aqui durante o mapeamento, como a Sororoca, a Flor do Campo, a Vitória Régia, a Mururé e as que aqui foram plantadas por mim e por minha família, como: a Rua Rosa Vermelha, a Jasmim, a Acácias, entre outras, como foram as primeiras plantações daqui, achamos melhor homenageá-las com os receptivos nomes (Augustinho Pinheiro da Silva, 2022).

As falas do senhor Agostinho como um todo são permeadas de historicidades e memórias do processo de criação do bairro de Primavera no qual este atuou de forma

² Como é conhecido o fruto do coqueiro Tucum, da espécie *Astrocaryum vulgare*

significativa, reservando-lhe um status privilegiado na história. Particularmente, no excerto acima é possível entender que a opção pelo nome do Bairro fazendo menção a estação do ano onde há presença das flores é demarcada, é igualmente justificada pela identidade do local na medida em que dentre os nomes das ruas é possível perceber a dicotomia dos processos de vegetação encontrados nas terras do antigo pimental referenciando o nome de espécies nativas encontradas no local e as primeiras plantas inseridas pelo processo de urbanização mediado pelo homem que embora em sua maioria não sejam consideradas plantas medicinais, demarcam uma característica que prevalece até os dias atuais.

4. OS IDOSOS E O CONHECIMENTO POPULAR: A MEMÓRIA DO QUE JÁ FOI VIVIDO.

A partir dos estudos acerca da utilização das plantas medicinais e das abordagens descritivas sobre os processos de urbanização do Bairro Primavera propostos nos itens anteriores, é possível compreender que o conceito de planta medicinal é amplo e está em constante transformação, mas que engloba uma variação de vegetais cujas propriedades medicinais veem sendo extraídas para a incorporação de drogas ou de substâncias bioativas, utilizadas direta ou indiretamente como medicamento (BRAGANÇA, 1996). Nesse sentido, é possível perceber que a utilização destas, está estritamente entrelaçada ao saber científico e ao saber popular. Contudo, em nossas análises centramo-nos neste último, de modo a compreender o saber repassado de forma oral, de geração em geração, vívido nas memórias e vivências dos mais velhos.

Parte destas percepções foram sistematizadas com base nas narrativas dos 06 (seis) moradores do Bairro Primavera que colaboraram com a produção empírica deste trabalho, sendo selecionados especialmente pelo fato de serem os moradores mais velhos do Bairro, tendo vivenciado o processo de urbanização e principalmente em virtude de possuírem relações privilegiadas de uso das plantas medicinais. Estes idosos, os perfis e identidades encontram-se detalhados na tabela 01³, contribuíram com o desenvolvimento desse estudo demonstrando através de suas memórias como a utilização das plantas medicinais pode ser entendida enquanto um elemento cultural do Bairro Primavera, fruto da memória coletiva que compartilharam com seus antecedentes e que hoje repassam em forma de conhecimento às gerações futuras.

Nesta direção, o primeiro questionamento realizado deu-se no sentido de compreender as impressões dos entrevistados sobre o poder curativo das plantas. Sobre isto, os mesmos responderam o seguinte:

³ Ver página 05

Pergunta 01: Você já ouviu falar que as plantas medicinais curam?	
Dona Lia	Curam sim, um exemplo o limão que é uma vitamina para gripe
Dona Odila	Sim, a muito tempo já se ouve falar que as plantas curam , e eu só a prova viva disso, quando peguei a chamada tose de guariba é minha mãe fez um fez um remédio chamado babador pra mim , com as plantas q tinha no quintal de casa , e simplesmente eu fiquei boa.
Dona Sara	Curam sim , antigamente nós só vivíamos com o uso de plantas , não havia remédio de farmácia e até os médicos passavam os remédios caseiros para nós fazer.
Senhor João Branquinho	Sim, principalmente eu que já fiquei curado de uma infecção urinária só com as plantas medicinais.

De acordo com as falas dos entrevistados, é possível perceber que há uma de teia de conhecimentos históricos que ao serem construídos em grupo lhes permitem hoje a acreditarem no poder curativo das plantas. Tais conhecimentos podem ser entendidos enquanto elementos identitários destes sujeitos, posto que demarcam suas percepções e locais de fala, mas para além disso, atuam como elementos culturais que evidenciam as especificidades do local em que foram se constituindo enquanto sujeitos, neste caso, o Bairro Primavera, onde esses saberes foram sincretizados e reinventados ao longo dos anos.

No entanto, ao compreendermos que a utilização das plantas medicinais, apesar de ser uma prática antiga vem resistindo às transformações do tempo entendemos também que por detrás dessa prática existe um entrelaçamento de diversas culturas que incorporam esses métodos, de modo que o processo de reinvenção desses conhecimentos estabelece uma relação concreta de continuidade no cotidiano, tendo em vista que esses saberes não permanecem engessados ao longo do tempo (SANTOS, 2000). Assim, é comum que esse saber assuma uma importante perspectiva na vida cotidiana dos sujeitos, fato que foi confirmado pelos entrevistados aos serem questionados sobre “Qual a importância você atribui às plantas medicinais?”

A esta pergunta os mesmos responderam o seguinte:

Pergunta 02 - Qual a importância você atribui às plantas medicinais?	
Lia	Tem uma grande importância na minha vida, até porque fui criada, usando essas plantas para o meu bem e da minha família, e hoje repasso isso para meus filhos e netos.
Odila	Importância da cura, pra mim ela cura acima de Deus é elas na terra pra mim.
Sara	Tem grande importância na minha vida e me ajudou em muitos casos de doenças, principalmente com meus filhos que era muito anêmico e eu vivia fazendo remédio e Graças a Deus ficaram curados sem precisar ir no hospital.
João Branquinho	Tem uma grande importância pois é já fui curado através das plantas medicinais.

Conforme verificado no quadro acima, os entrevistados remetem significativa importância ao uso das plantas medicinais, o que em suas análises decorre de posteriores curas de enfermidades pessoal ou de alguém de seu meio familiar. Estes entrevistados inclusive, ao serem questionados sobre quais remédios preferem, se fármacos ou caseiros, os 06 (seis) entrevistados foram unânimes em dizer que preferem os remédios caseiros, contudo dentre estes, dois ressaltaram que embora prefiram e confiem mais nos remédios caseiros, cujos processos de preparação lhes são conhecidos, não eliminam a utilização dos remédios farmacêuticos, isto porque de acordo com o Senhor João Branquinho: “tem algumas doenças que não sei o remédios caseiros e tenho que comprar os remédios de farmácia”.

Um fator que nos chama atenção na fala dos entrevistados trata-se do fato de que o uso das plantas medicinais, embora seja preferido em relação aos medicamentos industrializados, só ocorre quando há a certeza de que a planta possui de fato os princípios ativos que poderão curar o mal que estejam sentindo. Esta questão foi melhor debatida no momento em que questionamos sobre as formas de utilização das plantas medicinais em seu dia a dia, o que se deu por meio da pergunta “Você utilizou ou utiliza plantas para curar alguém em sua casa?”, As falas dos entrevistados encontram-se a seguir:

Pergunta 02: Você utilizou ou utiliza plantas pra curar alguém em sua casa ?	
Dona Lia	Sim, a ortiga eu sempre uso para fazer babador pra tose e também o chá é bom pra estancar o fluxo de sangue da menstruação , para inflamação no útero . E também tem o pariri quem é ótimo pra combater a anemia.
Dona Odila	Sim o chá da erva cidreira para ter um bom sono pois tem efeito calmante, faço todas as noites para meu esposo.
Dona Sara	Sim utilizo , principalmente a erva cidreira , faço chá por causa da minha pressão que é alta , e ele é um calmante e faz baixar e normalizar minha pressão.
Senhor João Branquinho	Sim com frequência , sempre quando nós sentimos uma dorzinha ou algum ferimento logo vamos para o quintal pegar as plantas para fazer a medicação . O Jucá é ótimo como cicatrizante para feridas e infecções.

Nota-se que o uso das plantas medicinais nunca é em si um saber isolado, ou seja, os entrevistados mostram que não basta saber qual planta pode curar qual doença, mas é preciso compreender as melhores formas de emprego, assim como qual parte da planta pode ser utilizada no processo. De acordo com Pinto (2010), as diferentes partes das plantas, como: folhas, raízes, sementes são manipulados e posteriormente transformadas em chás, xaropes, pomadas, óleos e sucos que possui, com base no conhecimento popular, poderes curativos e se configuram enquanto elemento cultural amazônico, entrelaçado às práticas ancestrais de cura, que são desenvolvidas por mulheres e homens (PINTO, 2010). Tais saberes foram, e são, transmitidos pela tradição oral, a partir dos mais velhos, que carregam consigo os conhecimentos dos

produtos extraídos da floresta, que exercem um papel de fundamental importância na vida daqueles que os procuram para cuidar dos males do corpo.

Sendo assim, o conhecimento de plantas, cascas, folhas, raízes, óleos sementes e seivas medicinais, transformou seu cotidiano e tem forte influências nas formas pelas quais estes idosos administram as doenças que lhes acometem e acometem seus familiares, ponto que foi percebido ao questionarmos sobre como e em que circunstâncias os idosos recorrem às plantas medicinais. Sobre isto, Dona Odila relata ainda que quando acometida por doenças como a gripe, dores abdominais, ferimentos de pequeno porte, inchaço no corpo prefere a utilização das plantas medicinais que possui em sua residência. Dona Sara, conta que recorrentemente utiliza-se das propriedades curativas do Boldo e Sucuriçu na forma de chá para dor no estômago, e que além disso, utiliza folhas e raízes de erva-cidreira para controlar a hipertensão arterial. Seu João Branquinho revela também que recorre às plantas de seu quintal para curar infecções leves, dores na barriga, dor de garganta, coriza e para hipertensão.

Ao serem questionados sobre Com que frequência utilizam as plantas medicinais como efeito curativo para doenças, Dona Lia relata o seguinte: uso sempre, todo dia faço um banho de asseio para infecção urinária, me banho com ele toda manhã, ele é feito de raiz de pupunheira, raiz de açazeiro, canafixe, folha de abacate e corrente (DONA LIA, entrevistada em Outubro de 2022). Dona Odila menciona que sempre que surge alguma doença sua primeira opção de cura é por meio das plantas medicinais, e que além disso, diariamente utiliza-se do chá da canela e da erva cidreira utilizado para ajudar a manter a qualidade do sono. Por conseguinte, Dona Sara e Seu João Branquinho relatam que usam mais esporadicamente, a primeira quando precisa controlar a hipertensão e o segundo quando surge alguma dor corporal.

Adiante buscou-se ainda saber como esses idosos adquiriram esse saber, de que forma ele está presente em suas memórias. Sobre isto, os mesmos responderam o seguinte:

Pergunta03 - Quando e com quem aprendeu a utilizar as plantas medicinais	
Dona Lia	Minha mãe e com minha sogra. Fui criada nessa tradição e sempre deu certo. Uma vez fiquei muito gripada e minha mãe fez um remédio para mim, o chamado pílula contraestupor, feita com a semente do pião branco torrado e misturado com mel.
Dona Odila	no convívio da minha família e da minha mãe, quem sempre fazia esse uso das medicações caseiras.
Dona Sara	Com a minha mãe e com as pessoas mais velhas, os remédios dos antigos sempre eram caseiro.
Senhor João Branquinho	Aprendi com meus pais, cresci no meio das plantas, onde tudo o que se sentia, meus pais logo preparavam algo para nós tomar e logo ficávamos bom.

Com base nas respostas dos idosos, é possível observar que o uso das plantas medicinais trata-se de um saber repassado em especial por entes familiares, por meio da História Oral, das memórias, dos diálogos, e do aprendizado do “fazer junto” com outros velhos, por meio dos quais nossos entrevistados revelam ter adquirido a capacidade de estabelecer práticas de autonomia e sobrevivência com a manipulação de remédios naturais, fabricados a partir das plantas e ervas medicinais. Além disso, é visível, a multiplicidade de saberes presentes na mera utilização destas plantas, desde o reconhecimento das mesmas, plantio, cuidados, manipulação das diferentes formas e partes de plantas, emprego destas às enfermidades e ainda a definição de certezas de cura a ponto de serem indicada a outras pessoas, ponto que foi discutido de forma unânime pelos entrevistados.

Acerca dos saberes desprendidos para o cultivo das plantas medicinais, os entrevistados, ambos com baixos níveis de escolarização formal revelam que utilizam-se de formas tradicionais de plantio e cuidado, utilizando de técnicas artesanais de cuidado com o solo, sem adubação industrial, tal qual era realizado por seus antepassados. A exemplo disso, Dona Lia revela o seguinte: “eu faço o plantio normal, somente com terra, algumas plantas eu planto cavando um buraco no chão, outras eu cultivo em pequenos vasos”. Por outro lado, o Senhor João Branquinho revela que utiliza para a preparação da terra, adubo que ele mesmo faz utilizando-se de fezes de galinha, carroço de açaí podre, moinha, entre outros dejetos orgânicos.

Ao serem questionados sobre os locais onde geralmente costumam cultivar as plantas que utilizam com fins terapêuticos, todos os entrevistados foram unânimes, pontuando que estas são cultivadas em seus próprios quintais, local com maior facilidade de acesso e manipulação. Acerca disso, cabe mencionar que os quintais das residências do Bairro Primavera de modo geral e dos entrevistados em especial são amplos e apresentam boas condições de plantio.

Alves (2021) ao analisar a criação de quintais agroecológicos no Bairro da Primavera ressalta que o quintal pode ser entendido enquanto um espaço de produção, no qual as famílias desenvolvem atividades de trabalho e lazer, nestes quintais, os moradores da Primavera para além de cultivarem plantas ornamentais, frutíferas, hortaliças e medicinais empregadas no uso doméstico e na geração de renda, criam ainda animais de pequeno porte. Para este autor, “quintal de uma casa é um local comumente utilizado para cultivar. Entretanto, este local também pode ser adotado como espaço de aprendizagem” (ALVES, 2021, p. 8).

Contudo, de modo geral a aprendizagem relata pelo autor não necessariamente delimita-se ao uso das plantas enquanto medicamentos, mas se estende a uma rede de conhecimentos dos quais os idosos são detentores. Assim, ao plantar, cultivar e consumir as plantas medicinais

os idosos enriquecem a memória coletiva de seus familiares e contribuem para a amplificação do saber local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

No percurso do presente estudo, as narrativas dos sujeitos com quem dialogamos, nos permitiram compreender a importância de saberes populares na vida e no cotidiano das pessoas que as rodeiam e confiam em suas práticas. Ao revistar estas memórias, estes idosos reverberam o saber tradicional de diferentes culturas e tempos históricos, muitos dos quais utilizam-se para ressignificarem e reescreverem suas histórias como protagonistas de seu tempo, ainda que por muitas vezes invisibilizadas, tornam-se sujeitas de suas histórias e transformam o modo de viver de seu grupo social.

O estudo demonstrou que a utilização das plantas medicinais trata-se de um saber milenar passado de geração em geração, de diferentes formas, e em especial por pessoas mais velhas. De igual modo, os entrevistados, ainda que com as limitações próprias do envelhecimento, e para além da urbanização do local em que residem, continuam estabelecendo relação de vínculo com a natureza de onde extraem a cura para diversos tipos de doenças, vínculo que também é uma herança cultural que trazem consigo, que construíram com base na oralidade, no fazer junto, e fazer quando fosse necessário. Desta feita, a oralidade, nas prerrogativas desta análise assume papel relevante na transmissão desse saber tradicional

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ruivan Xavier. **Quintal urbano: uma experiência agroecológica na cidade de Cametá, Pará.** Monografia apresentada ao curso de especialização em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará-IFPA, Campus Cametá. **2021**
- BANÓSKI, Solange Aparecida. **Ervas medicinais.** Uberaba, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa-Portugal: Edições 70, 2010.
- BRAGANÇA, L. A. R. **Plantas medicinais antidiabéticas: uma abordagem multidisciplinar.** Niterói: EDUFF, v. 278, 1996.
- CARNEIRO, Henrique. **Filtros, mesinhas e crianças: As drogas no mundo moderno.** São Paulo, 1994 [2005].
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 10ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FARIAS FILHO, M. C.; ARRUDA FILHO, E. J. M. Planejamento da pesquisa científica. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2013. 158 p.
- FERREIRA, Viviani Epifânio Machado. **Um estudo sobre a utilização das plantas medicinais na rede de ensino de Dom Pedrito-RS e suas perspectivas pedagógicas.** Universidade Federal da Pampa, 2018.
- GAMA, X.; SILVA, M.A.P. A utilização da fitoterapia por idosos de um centro de saúde em área central da cidade de São Paulo. Saúde Coletiva, v.11, n.3, p.79-84, 2006.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa Tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas, SP EPUD, 1986.**
- LOYA, A.M. et al. Prevalence of polypharmacy, polyherbacy, nutritional supplement use and potential product interactions among older adults living on the United States-Mexico border: a descriptive questionnaire-base study. Drugs & Aging, v.26, n.5, p.423-436, 2009.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas, SP EPUD, 1986.**
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como pensar.** – 2. Ed. São Paulo, Contexto, 2011.
- MINAYO, Marília Cecília de Souza. **Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta.** In: DESLANDES, Suely Ferreira de; GOMES, Romeu; MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 61-77.
- MOCBEL, Alberto Moia. **Recordações e Saudades.** Cametá. Belgráfica, 1998.

MONTEIRO, Siomara da Cruz, BRANDELLI Clara Lia Costa. **Farmacobotânica: Aspectos teóricos e Aplicação.** Sustinere - Revista de Saúde e Educação, vol. 5, no. 2, July-Dec. 2017, p. 374. Gale OneFile: Informe Académico, link.gale.com/apps/doc/A569892318/IFME?u=googlescholar&sid=bookmark-IFME&xid=359411d6. Accessed 9 Mar. 2023.

OMS. **Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial de Violência e Saúde.** Genebra: OMS, 2002.

OTONI, Thaíssa Clara Ornelas. **Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas com fins medicinais e cosméticos em comunidades tradicionais do município de Araçuaí Minas Gerais.** Diamantina 2018

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas: Práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina** / Benedita Celeste de Moraes Pinto – Belém: Editora Açai, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral deferente.** Projeto História, São Paulo, (14), fev. 1997.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. **Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. VI (suplemento). p. 919-939, setembro, 2000.